



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0307/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 10/NOVEMBRO/2025

Rei saudita e o Príncipe herdeiro parabenizam líder cambojano no Dia da Independência



O Rei Salman do Reino da Arábia Saudita e o Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman parabenizaram no domingo o Rei Norodom Sihamoni do Camboja pelo Dia da Independência de seu país.

Em um comunicado divulgado pela Agência de Imprensa Saudita, o Rei Salman desejou ao Rei Sihamoni boa saúde e felicidade, e ao governo e ao povo da nação do sudeste asiático progresso e prosperidade constantes.

O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman enviou uma mensagem semelhante ao Monarca cambojano. O dia 9 de novembro é feriado nacional no Camboja, em comemoração à Declaração de Independência do país da França em 1953. **Fonte-Arab News.**

Ministros das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita e do Sri Lanka revisam laços



O ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, conversou em Riade no domingo com Vijeetha Herath, ministro das Relações Exteriores, Emprego no Exterior e Turismo do Sri Lanka.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, conversou em Riade no domingo com Vijitha Herath, ministro das Relações Exteriores, Emprego no Exterior e Turismo do Sri Lanka.

Durante a reunião, os dois ministros discutiram as relações entre os seus países e trocaram opiniões sobre questões regionais e internacionais de interesse mútuo. Na conclusão da reunião, o Príncipe Faisal presenteou Herath com um selo postal comemorativo marcando os 50 anos de relações diplomáticas entre o Reino e o Sri Lanka. O director do Departamento do Sul da Ásia do Ministério das Relações Exteriores, Majid bin Abdulrahman Al-Otaibi, também participou da reunião. **Fonte-Arab News.**

Ministros saudita e indiano discutem fortalecimento de laços culturais



O ministro saudita da Cultura, Príncipe Badr bin Abdullah bin Farhan, reuniu-se com o ministro indiano da Cultura e Turismo, Gajendra Singh Shekhawat, em Riade, para discutir o fortalecimento das relações culturais entre os dois países.

O ministro saudita da Cultura, Príncipe Badr bin Abdullah bin Farhan, reuniu-se ontem domingo em Riade, com o ministro indiano da Cultura e Turismo, Gajendra Singh

Shekhawat. Realizada à margem da 26ª sessão da Assembleia Geral de Turismo da ONU, a reunião discutiu maneiras de fortalecer a cooperação cultural em vários campos. Shekhawat também manteve conversas bilaterais com ministros do turismo do Sri Lanka, Maldivas e África do Sul durante o evento. Em um post no X, ele disse que a Índia continua a expandir a cooperação turística e as parcerias culturais em todo o mundo.

Shekhawat também participou de um jantar oferecido pelo ministro do Turismo saudita, Ahmed Al-Khateeb, para os ministros que participam do evento da ONU. O ministro indiano disse: "Grato pela calorosa hospitalidade e pela oportunidade de se envolver em discussões significativas sobre o avanço da cooperação global em turismo". **Fonte-Arab News.**

Príncipe Abdulaziz reeleito presidente da União Olímpica Árabe para 2025-2029



O Príncipe Abdulaziz bin Turki bin Faisal foi reeleito por unanimidade presidente da União dos Comitês Olímpicos Nacionais Árabes.

A Assembleia Geral da União dos Comitês Olímpicos Nacionais Árabes reelegeu por unanimidade o Príncipe Abdulaziz bin Turki bin Faisal como presidente para um mandato de quatro anos, de 2025 a 2029, durante sua 23ª reunião ordinária em Riade.

O Príncipe Abdulaziz, também ministro saudita dos Desportos, agradeceu à liderança por seu apoio inabalável aos desportos e à juventude árabes e seus esforços contínuos para promover o sector desportivo regional, que produziram resultados positivos em várias iniciativas.

Ele destacou a solidariedade do sindicato com a Palestina e o total apoio aos atletas palestinos, e acrescentou que a causa palestina permanece profundamente enraizada nos corações dos povos árabes. A assembleia também aprovou o pedido do Bahrein, em coordenação com o Reino da Arábia Saudita, para sediar os 18º Jogos Árabes em 2027, enquanto a 19ª edição acontecerá no Reino da Arábia Saudita em 2031. **Fonte-Arab News.**

Chefe do Estado-Maior do Reino da Arábia Saudita presenteia o presidente do comitê conjunto de chefes de estado-maior do Paquistão com medalha



O chefe do Estado-Maior do Reino da Arábia Saudita, tenente-general Fayyad bin Hamed Al-Ruwaili, presenteou no passado sábado em Riade o presidente do Comitê de Estado-Maior Conjunto do Paquistão, general Sahir Shamshad Mirza, com a Medalha Rei Abdulaziz da Classe Excelente.

O chefe do Estado-Maior do Reino da Arábia Saudita, tenente-general Fayyad bin Hamed Al-Ruwaili, presenteou no passado sábado em Riade o presidente do Comitê Conjunto de Chefes de Estado-Maior do Paquistão, general Sahir Shamshad Mirza, com a Medalha Rei Abdulaziz da Classe Excelente. O prêmio foi concedido em reconhecimento aos esforços de Mirza para consolidar os laços de amizade e cooperação conjunta entre o Reino e o Paquistão e fortalecer as relações sauditas-paquistanesas.

A medalha foi entregue a Mirza durante uma reunião com Al-Ruwaili e de acordo com uma directiva real do Rei Salman. Os dois funcionários revisaram aspectos da cooperação nos campos militar e de defesa entre seus países e formas de fortalecê-los e desenvolvê-los. Vários tópicos de interesse comum também foram discutidos. **Fonte-Arab News.**

Mais de 11.000 famílias sauditas adoptaram órfãos, diz instituição de caridade

Mais de 11.000 famílias sauditas adoptaram crianças órfãs, anunciou ontem domingo a associação nacional no Dia Mundial da Adopção. O número foi divulgado pela Associação de Caridade Al-Hadad, a única organização autorizada pelo Ministério de Recursos Humanos e Desenvolvimento Social do Reino para supervisionar o programa nacional de acolhimento familiar para crianças órfãs de ascendência desconhecida, de acordo com a Agência de Imprensa Saudita.

A associação também lançou uma nova campanha publicitária para destacar as histórias sinceras de pais adoptivos e seus filhos. Em um vídeo publicado por Al-Wedad no X, um pai adoptivo disse sobre sua filha: "Quando ela me abraça, sinto que ela está

abraçando meu coração". Um dos pais que participou do programa de adoção descreveu-o como "a sensação mais bonita que já experimentei na minha vida". Outro disse: "Agradecemos à Associação Al-Wedad por nos dar essa chance". O CEO da instituição de caridade, Dhaif Allah Al-Nami, disse que a campanha é uma extensão dos esforços da Al-Wedad para divulgar e promover a aceitação social da adoção, destacando os sentimentos mútuos de amor e pertencimento entre a criança e a família.

Fonte-Arab News.

União Africana apela a uma acção urgente no Mali, atingido pela insurgência



Motoristas dirigem em direcção à Africa Tower, um monumento que simboliza a unidade das nações africanas, em Bamako, em 8 de novembro de 2025.

A União Africana pediu uma resposta internacional urgente, incluindo o compartilhamento de inteligência, para lidar com o agravamento das condições de segurança no Mali, onde os insurgentes estão impondo um bloqueio de combustível e sequestrando estrangeiros. Um grupo militante ligado à Al Qaeda activo na região do Sahel, na África Ocidental, bloqueou as importações de combustível desde setembro, atacando comboios de caminhões-tanque e criando uma escassez que forçou o encerramento de escolas e empresas.

A mais recente demonstração de força do grupo, Jama'at Nusrat Al-Islam wal-Muslimin, levantou preocupações de que ele possa eventualmente tentar impor seu domínio sobre o país sem litoral. Países ocidentais, incluindo EUA, França, Grã-Bretanha e Itália, estão pedindo a seus cidadãos que saiam.

Em um comunicado ontem, Mahmoud Ali Youssouf, presidente da Comissão da União Africana, expressou "profunda preocupação com a rápida deterioração da situação de segurança no Mali, onde grupos terroristas impuseram bloqueios, interromperam o acesso a suprimentos essenciais e pioraram severamente as condições humanitárias para as populações civis". Ele disse que deve haver "cooperação aprimorada, compartilhamento de inteligência e apoio sustentado" para os países do Sahel afectados pelo extremismo violento. Ele também pediu a libertação imediata de três cidadãos egípcios que ele disse terem sido sequestrados recentemente. **Fonte-Reuters.**

China protesta ao Japão por causa dos comentários da primeira-ministra Takaichi sobre Taiwan



A primeira-ministra japonesa, Sanae Takaichi, fala durante uma coletiva de imprensa após a cúpula da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC) em Gyeongju, Coreia do Sul, em 1º de novembro de 2025.

A China apresentou sérias representações e protestos ao Japão sobre os recentes comentários da primeira-ministra japonesa, Sanae Takaichi, sobre Taiwan, disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Lin Jian, nesta segunda-feira. Takaichi disse na passada sexta-feira aos legisladores japoneses que um ataque chinês a Taiwan poderia ser uma "situação de ameaça à sobrevivência" para o Japão. A tentativa das autoridades japonesas de "se intrometer nos assuntos do outro lado do estreito" causaria sérios danos às relações China-Japão, disse Lin durante uma coletiva de imprensa regular, pedindo ao Japão que pare de fazer provocações. **Fonte-Reuters.**

Forças israelenses despejam 3 famílias palestinas de casas em Jerusalém



As forças de segurança israelenses isolaram a área e bloquearam estradas.

Forças israelenses despejaram à força três famílias palestinas de suas casas no bairro de Batn Al-Hawa, em Silwan, localizado em Jerusalém ocupada, em uma medida para confiscar suas propriedades. As famílias Al-Shweiki e Odeh foram despejadas de uma área ao sul da cidade murada de Jerusalém. As forças de segurança israelenses isolaram a área e bloquearam estradas. Asmahan Al-Shweiki, um dos proprietários, desmaiou e foi hospitalizado durante o despejo. "Ficamos surpresos hoje quando a polícia israelense invadiu a casa e esvaziou seu conteúdo", disse Ahmed Al-Shweiki. Ele acrescentou que também foi agredido fisicamente e sofreu hematomas e ferimentos durante o incidente.

Ateret Cohanim, um grupo de colonos israelenses fundado em 1978, reivindica a propriedade de cerca de 0,5 hectares e 200 metros quadrados em Batn Al-Hawa. Cerca de 750 palestinos de 87 famílias residem em Batn Al-Hawa. Todos enfrentam ordens de despejo dos tribunais israelenses. Da mesma forma, dezenas de famílias enfrentam despejos no Silwan adjacente, onde as autoridades israelenses estão construindo uma rota subterrânea no bairro como parte da atração turística "Cidade de Davi".

A província de Jerusalém da Autoridade Palestina disse que os despejos são "parte de um plano sistemático de judaização supervisionado por organizações de colonos com apoio directo do governo de ocupação, com o objectivo de deslocar palestinos à força e expandir os assentamentos no coração do bairro". Desde a ocupação israelense da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental em 1967, as autoridades permitiram que colonos judeus recuperassem propriedades que historicamente pertenciam a judeus durante o domínio otomano e britânico, inclusive em Sheikh Jarrah e na Cidade Velha. No entanto, nega aos palestinos o direito de retornar, conforme descrito em uma resolução da ONU, ou de recuperar suas propriedades privadas que suas famílias deixaram durante a guerra de 1948. **Fonte-Agência de notícias Wafa.**

Israel confirma que os restos mortais do oficial Goldin morto na guerra de Gaza em 2014, foram devolvidos



Hadar Goldin, um oficial do exército israelense morto no sul de Gaza na guerra Israel-Hamas de 2014.

Israel disse que os restos mortais que recebeu ontem domingo do Hamas eram do tenente Hadar Goldin, um oficial israelense morto há mais de uma década na guerra de Gaza em 2014.

Goldin foi o 24º refém falecido cujos restos mortais foram devolvidos pelo Hamas desde o início do cessar-fogo em 10 de outubro, que interrompeu a última guerra em Gaza, que eclodiu em outubro de 2023. O gabinete do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu disse que especialistas forenses confirmaram que os restos mortais eram de Goldin. "Hoje, estamos unidos por finalmente tê-lo trazido de volta para seus pais e sua família para ser sepultado em Israel", disse Netanyahu em um comunicado em vídeo postado no X, segurando uma fotografia de Goldin. "É um alívio. É hora de esta família finalmente poder lamentar", disse Judith Touati, moradora de Ramla, no centro de Israel. "Em Israel, ninguém é esquecido e fazemos de tudo para trazer todos para casa,

mesmo depois de 11 anos." O retorno dos restos mortais de Goldin, em particular, marcou um momento profundamente simbólico para Israel - onde o credo militar de não deixar nenhum soldado para trás é tratado como sagrado - encerrando um doloroso capítulo de 11 anos que assombrou sua família e a nação. Vários amigos da família de Goldin e seus ex-companheiros se reuniram no centro forense onde seus restos mortais foram verificados.

Rachel Zinkin, amiga da família, disse à AFP que agora seria "um encerramento para a família e também para a sociedade israelense". No entanto, seu pai, Simcha Goldin, insistiu que a vitória de Israel em Gaza só viria quando todos os reféns estivessem em casa. "O que esta guerra provou é que, quando lutamos por nossos soldados, temos sucesso. Vitória significa trazer para casa os reféns e trazer nossos soldados para Israel."

Fonte-AFP.

Autoridade de sanções dos EUA diz que é hora de cortar financiamento do Hezbollah do Irão



Apoiadores do Hezbollah hasteiam bandeiras amarelas do partido e fotos de seu líder morto, ao marcar o primeiro aniversário de seu assassinato, na área litorânea de Raouche, em Beirute, em 25 de setembro de 2025.

Os Estados Unidos buscam tirar proveito de um "momento" no Líbano em que podem cortar o financiamento iraniano ao Hezbollah e pressionar o grupo a se desarmar, disse a principal autoridade de sanções do Departamento do Tesouro dos EUA. Em uma entrevista na passada sexta-feira, John Hurley, subsecretário de terrorismo e inteligência financeira, disse que o Irão conseguiu canalizar cerca de US \$ 1 bilhão para o Hezbollah este ano, apesar de uma série de sanções ocidentais que afectaram a sua economia.

Os EUA adoptaram uma campanha de "pressão máxima" sobre Teerão com o objectivo de conter seu enriquecimento de urânio e influência regional, inclusive no Líbano, onde o Hezbollah, apoiado pelo Irão, também está enfraquecido depois que Israel destruiu seu poder militar em uma guerra de 2023-24. No final da semana passada, Washington sancionou dois indivíduos acusados de usar casas de câmbio para ajudar a financiar o Hezbollah, que é considerado um grupo terrorista por vários governos ocidentais e estados do Golfo. "Há um momento no Líbano agora. Se pudéssemos fazer com que o Hezbollah se desarmasse, o povo libanês poderia recuperar seu país", disse Hurley. "A

chave para isso é expulsar a influência e o controle iranianos que começam com todo o dinheiro que eles estão injectando no Hezbollah", disse ele à Reuters em Istambul como parte de uma turnê pela Turquia, Líbano, Emirados Árabes Unidos e Israel com o objectivo de aumentar a pressão sobre o Irão.

Teerão se apoiou em laços mais estreitos com China, Rússia e países regionais, incluindo os Emirados Árabes Unidos, desde setembro, quando as negociações para conter sua actividade nuclear e programa de mísseis foram interrompidas, levando ao restabelecimento das sanções das Nações Unidas. As potências ocidentais acusam o Irão de desenvolver secretamente a capacidade de armas nucleares. Teerão, cuja economia agora corre o risco de hiperinflação e uma recessão severa, diz que seu programa nuclear é totalmente para fins de energia civil. **Fonte-Reuters.**

Kremlin diz a repórteres que Lavrov está trabalhando activamente como ministro das Relações Exteriores da Rússia, apesar de relatos falsos



O ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, e o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, falam durante a 15ª Reunião de Ministros das Relações Exteriores da Cúpula do Leste Asiático no Centro de Convenções em Kuala Lumpur, Malásia, em 11 de julho de 2025.

O Kremlin disse nesta segunda-feira que Sergei Lavrov está trabalhando activamente como ministro das Relações Exteriores da Rússia e sugeriu que as pessoas ignorem as especulações da imprensa ocidental de que ele pode ter caído em desgraça com o presidente russo, Vladimir Putin. Lavrov, de 75 anos, um diplomata veterano da era soviética conhecido por seu estilo de negociação robusto, estava ausente de uma grande reunião no Kremlin na semana passada da qual normalmente participaria, e Putin escolheu outra pessoa para participar de uma cúpula do G20 na África do Sul no final deste mês, um papel que Lavrov ocupou no passado. O Kremlin rejeitou na passada sexta-feira as especulações de que Lavrov havia caído em desgraça com Putin, depois que os esforços para organizar uma cúpula entre o presidente russo e Donald Trump foram congelados no mês passado. **Fonte-Reuters.**

Shaikha Al-Nowais, dos Emirados Árabes Unidos, torna-se a primeira mulher secretária-geral da OMT



Shaikha Al-Nowais iniciará seu mandato de quatro anos em janeiro.

A Shaikha Al-Nowais, dos Emirados Árabes Unidos, foi eleita secretária-geral da Organização Mundial de Turismo da ONU, tornando-se a primeira mulher - e a primeira cidadã do Golfo - a liderar o órgão global de turismo em seus 50 anos de história. Seu mandato de quatro anos começará em janeiro de 2026, após a confirmação pela 26ª Assembleia Geral da OMT, realizada em Riade de 7 a 11 de novembro. Al-Nowais foi endossada pela primeira vez em maio pelo Conselho Executivo da organização, depois de garantir a maioria dos votos dos membros durante sua sessão em Madrid.

A nomeação destaca a crescente influência dos países do Golfo no cenário global do turismo, já que nações como o Reino da Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos continuam a se posicionar como os principais players do sector.

Dirigindo-se à Assembleia, a secretária-geral eleito disse: "Este é um triunfo para todos nós. É um momento compartilhado que reflecte a nossa visão colectiva de um mundo de turismo mais forte, mais conectado e mais compassivo. Juntos, representamos as esperanças de milhões de pessoas cujas vidas são tocadas por este sector. Juntos, acreditamos que o turismo, no seu melhor, pode elevar as nações e unir a humanidade." Olhando para o seu mandato, ela delineou cinco prioridades principais: "Turismo responsável, capacitação, tecnologia para o bem, financiamento inovador e governança inteligente - cada uma projectada para tornar nosso sector mais inclusivo, resiliente e humano".

Al-Nowais também prestou homenagem ao actual secretário-geral Zurab Pololikashvili, elogiando sua "visão, compromisso e papel no fortalecimento da voz e da presença global da ONU Turismo". Em seu identificador oficial X, a OMT declarou: "Estamos muito satisfeitos em dar as boas-vindas a Shaikha Al-Nowais como a nova Secretária-Geral do Turismo da ONU - a primeira mulher a liderar nossa organização em seus 50 anos de história. Sua nomeação marca um momento inspirador, continuando nosso compromisso compartilhado com um futuro sustentável, inclusivo e inovador." O Ministério do Turismo do Reino da Arábia Saudita também parabenizou Al-Nowais, descrevendo sua seleção como um novo capítulo na jornada do turismo global de Riade na 26ª Assembleia Geral da OMT, "com parceria renovada entre o Reino da Arábia Saudita e a ONU Turismo". **Fonte-Arab News.**

Por que o yuan cresce, mas está longe de desbancar o dólar



O Banco Popular da China construiu sistemas de pagamentos para diminuir a sua dependência do dólar

O empenho da China em reduzir a dependência do dólar americano se consolidou durante a crise financeira global de 2008/2009. O Banco Popular da China (BPC), autoridade monetária do país, estava alarmado com a impressão agressiva de dinheiro pelo Banco Central americano, Federal Reserve, o que ameaçava o valor de seus activos estrangeiros, então avaliados em 1,9 trilhão de dólares (R\$ 10,1 trilhões).

A resposta de Pequim veio com o lançamento, em julho de 2009, de um projecto piloto para liquidar o comércio exterior em yuan, ou renminbi, pela primeira vez. Foi o pontapé de uma campanha que, 16 anos depois, faria do yuan a moeda usada em 30% dos 6,2 trilhões de dólares (R\$ 33 trilhões) em comércio global de bens da China, segundo o vice-presidente do BPC, Zhu Hexin.

Se consideradas todas as transações internacionais com a China, inclusive compras de títulos e investimentos estrangeiros, a participação do yuan salta para 53%, superando pela primeira vez o comércio em dólar do país em 2023.

Em outro marco importante, o yuan superou brevemente o euro em 2024 como a segunda moeda mais usada no financiamento do comércio global, embora com apenas 5,8% do mercado, contra 82% do dólar, segundo a Swift, a rede global de mensagens usada pelos bancos para liquidar pagamentos internacionais.

A participação do yuan nas reservas cambiais globais também foi recorde no segundo trimestre do ano, chegando a 2,4%, informou o Fundo Monetário Internacional (FMI) em outubro.

A estratégia chinesa com o yuan

Enquanto os países do Brics no Sul Global exploram alternativas ao dólar, inclusive propostas para uma moeda compartilhada, a China tem adoptado uma abordagem mais pragmática, ampliando gradualmente o papel do yuan no comércio global, ao mesmo tempo em que mantém controles deliberados sobre o câmbio. "A China quer que o yuan se internacionalize para o comércio, para a economia real", afirma Miguel Otero-Iglesias, pesquisador sênior do Instituto Real Elcano, na Espanha. "Ela está menos

interessada em fazer do yuan uma moeda financeira." Como ele explica, se Pequim permitisse o uso do yuan nos mercados financeiros globais para fluxos de capital, investimentos e instrumentos financeiros, além do comércio, isso reduziria o controle do Partido Comunista Chinês sobre o sistema de crédito doméstico.

"Pequim acredita que as finanças devem ser escravas da economia real, e não senhoras", ressalta. As manchetes na imprensa frequentemente mostram a ascensão do yuan como um desafio directo à dominância do dólar, que há quase 80 anos é a moeda de reserva global e responde por mais de 58% das transações internacionais e reservas cambiais.

Mas para Dan Wang, especialista em China da consultoria de risco político Eurasia Group, o que Pequim busca não é a desdolarização, e sim a regionalização do yuan em direcção ao Sul Global. Nos últimos três anos, a China tem aproveitado seu vasto poder econômico e os desdobramentos geopolíticos da guerra na Ucrânia para garantir acordos favoráveis de energia e commodities – incluindo grandes descontos da Rússia –, com uma parcela crescente paga em yuan. "Com o tempo, especialmente quando a China tem poder de negociação, ela poderá exigir uma proporção maior [de comércio em yuan]. É isso que as estatais chinesas já estão fazendo com fornecedores estrangeiros de commodities", observa Wang.

A importância do yuan no crédito externo

Um segundo pilar dos esforços de Pequim para impulsionar o uso do yuan é o crédito externo, que incorpora a moeda chinesa nas estruturas de dívida de países em desenvolvimento. As participações externas dos bancos chineses em yuan – empréstimos, depósitos e títulos – quadruplicaram para 480 bilhões de dólares em cinco anos (R\$ 2,5 trilhões), segundo o *Financial Times*, representando uma fatia crescente dos cerca de 1 trilhão de dólares (R\$ 5,33 trilhões) em crédito externo da China por meio da Nova Rota da Seda.

Com as taxas de juros do yuan entre 200 e 300 pontos-base abaixo das do dólar, o *FT* aponta que Quênia, Angola e Etiópia converteram dívidas antigas em dólar para yuan este ano, enquanto Indonésia, Eslovênia e Cazaquistão estão agora emitindo títulos na moeda chinesa.

Alternativa ao Swift e yuan digital

Além do comércio e do crédito, Pequim construiu uma terceira linha de defesa: uma arquitetura financeira separada que pode operar independentemente dos sistemas dominados pelo dólar. No centro dela está o Sistema de Pagamentos Interbancários Transfronteiriços da China (CIPS), alternativa ao Swift para transações internacionais. Em centros financeiros importantes, como Singapura, Londres e Frankfurt, foram abertos centros de compensação em yuan. O banco central chinês também está testando o yuan digital – que, com acesso expandido para mais de 20 países, deve agilizar ainda mais os pagamentos internacionais e reduzir a dependência de bancos ocidentais.

"Esse pode ser outro canal pelo qual a China internacionaliza sua moeda, sendo pioneira na vanguarda do dinheiro soberano digital", diz Otero-Iglesias. A China também

assinou acordos de swap cambial com mais de 50 países. Eles permitem que bancos centrais troquem suas moedas locais por yuan sob demanda, o que ajuda países como Rússia e Irão a lidar com sanções dos EUA que bloqueiam o acesso ao dólar. Os acordos também beneficiam países que dependem do comércio e investimento chineses, como Argentina, Paquistão e Turquia.

Pequim deve manter controle rígido sobre o yuan

Ao contrário das moedas ocidentais, o yuan segue sendo rigidamente administrado por Pequim e não pode ser trocado livremente por outras moedas sem supervisão do governo. O sistema de crédito doméstico chinês ainda é em boa parte dirigido por bancos estatais sob controle político. Pequim sabe que permitir o livre entra e sai de dinheiro no país poderia expor a moeda a ataques especulativos e outros tipos de influência estrangeira. Por isso, a convertibilidade absoluta ainda está fora de cogitação.

"Pequim não vai adotar uma abordagem liberal", afirma Otero-Iglesias. "A internacionalização do yuan vai seguir a lógica de comando e controle do Partido Comunista Chinês." Mas, sem a convertibilidade absoluta, é improvável que o yuan vire uma moeda financeira dominante usada para investimentos e reservas globais. A estratégia cautelosa de Pequim pode limitar o alcance do yuan. O movimento para expandir o comércio em yuan também sofre com os desequilíbrios econômicos da própria China. O consumo interno está enfraquecido, consumidores e empresários gastam menos – em parte por causa de um colapso no mercado imobiliário.

Fábricas chinesas estão produzindo mais do que o país necessita, o que deixa a economia mais dependente de exportações. Sem demanda estrangeira forte – resultado da guerra tarifária deflagrada por Donald Trump nos Estados Unidos –, a expansão do comércio em yuan pode estagnar. "O crescimento tem que vir de fora", afirma Wang. "Isso quer dizer que o comércio global se torna ainda mais importante agora para a China."

Se Pequim passar a exigir que mais negócios sejam fechados usando o yuan, o sucesso dessa estratégia vai depender dos parceiros comerciais – e, segundo analistas, de mais confiança, instituições transparentes e uma economia mais robusta. **Fonte-DW.**

Rogério Xavier: EUA não têm chance de vencer a China na disputa pela liderança em IA

O sócio-fundador da SPX Capital, Rogério Xavier, vê os Estados Unidos em uma “situação bem frágil” na guerra pela inteligência artificial contra a China. Durante sua participação em painel na Conferência MBA Brasil 2025, ele analisou a estratégia de Donald Trump para tentar equiparar o avanço chinês na área de IA. “Basicamente, Trump reclama dos juros, fica o tempo inteiro pressionando o Fed porque não corta os juros, o que encarece o custo de capital. O segundo ponto é o preço da energia, do petróleo, e o terceiro é a desregulamentação; então, ele bate nos estados, especialmente os democratas”, afirmou. Tudo isso porque “empresas de IA são intensivas em capital, precisam de custo de capital baixo, precisam de desregulamentação, e é difícil aprovar novos projectos, especialmente na área de energia, o que torna tudo caótico.” Do lado chinês, no entanto, a situação é diametralmente oposta. “A capacidade de geração de energia nos próximos cinco anos será dez vezes maior que a dos

EUA. A regulação, obviamente, em um país como a China, é centralizada; basta uma ordem de Xi Jinping.” “A infraestrutura chinesa é nova, totalmente acessível para que novas capacidades entrem no sistema. O capital na China é subsidiado, não falta investimento”, completou. Nesse cenário, “os EUA não têm chance; a agenda de Trump é quase sabotar a China para tentar frear ao máximo o avanço chinês. Do jeito que está, ele vai perder.” **Fonte-InfoMoney 25.**

A crescente visibilidade do Médio Oriente no debate climático global



ANDRÉ HAMMOND

09 de novembro de 2025



A COP28, sediada no Dubai, a primeira cúpula anual do clima da ONU a ser realizada no Golfo, contou com a presença de quase 84.000 pessoas. Em comparação, a COP30 no Brasil terá uma participação muito menor, com apenas cerca de 12.200 pessoas se inscrevendo até 8 de outubro, de acordo com dados preliminares da ONU.

Esta não será a única diferença fundamental entre a COP30, que começa hoje segunda-feira, e muitas de suas antecessoras. O Brasil também declarou que o grande evento deste mês marca uma mudança decisiva para uma fase "pós-negociação" da diplomacia climática, com esforços agora focados na ação e na implementação dos compromissos climáticos existentes assumidos por nações em todo o mundo.

Isso inclui o Médio Oriente, que hoje tem um papel cada vez mais visível no debate climático global, como foi demonstrado pela COP28 no Dubai e pela COP27 no Egito. O Acordo de Paris foi sancionado já em 2016 por vários países-chave da região, incluindo os Emirados Árabes Unidos e a Jordânia. Hoje, O Reino da Arábia Saudita, Sultanato de Omã, Emirados Árabes Unidos, Qatar, Iraque e Bahrein estão entre as nações que assumiram compromissos de emissões líquidas zero para o período entre 2030 e 2060.

Uma manifestação da mudança no terreno que o Brasil está buscando após a COP30 pode ser vista no crescimento da legislação e regulamentação climática doméstica adoptada por várias nações. Como revelam estudos publicados pelo Grantham Research Institute da London School of Economics, o número de leis e políticas de aquecimento global nos mais de 100 países em análise cresceu de pouco mais de 50 em 1997 - na época do tratado de Kyoto - para mais de 5.000 em 2025.

Esta é uma mudança surpreendente no cenário global de sustentabilidade em comparação com a última grande conferência ambiental global no Brasil – a Cúpula da Terra do Rio em 1992. Foi então que a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima foi estabelecida. Isso se tornou a base para as reuniões modernas da Conferência das Partes, ou COP.

O banco de dados do Instituto Grantham indica que as nações do Médio Oriente aprovaram colectivamente mais de 100 leis e políticas significativas relacionadas ao clima. Estes, juntamente com milhares de outros, serão examinados no Brasil nos próximos dias com o objectivo de cumprir os compromissos o mais rápido possível e, em seguida, desenvolvê-los nos próximos anos para expandir a ambição climática.

A visão dos anfitriões brasileiros é que as COPs constituem apenas um "momento no ano". Eles argumentam que o que também importa é o que cidades, regiões, empresas, investidores, sociedade civil e governos farão no futuro, durante as outras 50 semanas do ano.

Para esse fim, uma das consequências da crescente gama de leis e políticas climáticas em todo o mundo é a crescente possibilidade do que pode se tornar um mercado de comércio de carbono verdadeiramente global. Este poderia ser um desenvolvimento económico e político revolucionário.

Dezenas de países e cidades, estados e províncias em todo o mundo já usam mecanismos de precificação de carbono ou planejam fazê-lo. Uma ampla secção transversal dos líderes nacionais, regionais e locais que administram esses esquemas esteve no Brasil na semana passada para reuniões preliminares antes do início oficial da cúpula da COP30.

Embora muita atenção se concentre inevitavelmente no Sistema de Comércio de Licenças de Emissão da UE de 27 países, o primeiro esquema internacional desse tipo, há uma acção acelerada em todo o mundo.

No Médio Oriente, vários países estão buscando participar de mercados embrionários de comércio de carbono, como a Companhia Regional de Mercado Voluntário de Carbono do Reino da Arábia Saudita, fundada pelo Fundo de Investimento Público e pelo Saudi Tadawul Group.

Além disso, a Aliança de Carbono dos Emirados Árabes Unidos, que inclui uma coalizão de empresas com o objectivo de desenvolver e desenvolver um mercado de carbono no país, prometeu comprar várias centenas de milhões de dólares em créditos de carbono africanos até 2030. O objetivo é ajudar a estimular o potencial de geração de créditos de carbono de África e ajudar os Emirados Árabes Unidos a cumprir as suas promessas climáticas.

Na enorme região da Ásia-Pacífico, um desenvolvimento de destaque é o sistema de comércio de emissões da China. Este é agora o maior do mundo em termos de emissões cobertas, pois estima-se que seja responsável por cerca de 8 bilhões de toneladas de dióxido de carbono, ou mais de 60% das enormes emissões do país.

No entanto, a China está longe de ser a única na região a avançar nessa direção. Por exemplo, o Vietname e a Coreia do Sul têm seus próprios esquemas de mercado de carbono.

No centro desses desenvolvimentos promissores está a crença crescente de que o comércio de carbono é a maneira economicamente mais eficiente de atender à ambição política de reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Junto com outros países da vasta Ásia-Pacífico, como Nova Zelândia, Tailândia e Indonésia, este pode se tornar outro centro regional de comércio de carbono na batalha contra o aquecimento global.

No futuro, esse sistema pode ser vinculado ao esquema da UE, que também será alinhado com o do Reino Unido. Ligar a Europa e a Ásia-Pacífico dessa maneira, ao lado de outras regiões, incluindo o Médio Oriente e a África, é um potencial divisor de águas.

De facto, é possível prever um esquema mais amplo envolvendo também as Américas e outras regiões. Um centro global de carbono ligando continentes poderia incluir esquemas estaduais nos EUA, inclusive na Califórnia e na Iniciativa Regional de Gases de Efeito Estufa dos estados do Nordeste.

Portanto, em um momento de crescente pessimismo no debate sobre mudanças climáticas, há alguns desenvolvimentos promissores, incluindo um mercado global de carbono nascente. Isso pode se tornar um desenvolvimento fundamental na luta contra as mudanças climáticas, ao mesmo tempo em que reflecte a ambição dos anfitriões brasileiros da COP30 de levar a diplomacia climática da negociação à implementação.

Andrew Hammond é associado da LSE IDEAS na London School of Economics.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**
Preservar e valorizar as conquistas
alcançadas, construindo um futuro melhor